

ESTUDO EXPLORATÓRIO SOBRE OS SABERES/FAZERES DE PROFISSIONAIS DE SAÚDE MENTAL NO ATENDIMENTO À MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA

Isadora Alves Batista, Maria Fernanda Machado Barbosa, Glaucia Valéria Pinheiro de Bida (Orientadora). E-mail: gvpbrida@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Maringá, PR.

Psicologia/Papéis e Estruturas Sociais; Indivíduo

Palavras-chave: Violência de gênero; Atenção Psicossocial; Saúde Pública.

RESUMO

A pesquisa teve como objetivo compreender os saberes e fazeres das equipes multiprofissionais dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) no enfrentamento da violência psicológica contra mulheres. A metodologia empregada foi um estudo exploratório qualitativo, por meio de uma pesquisa participante interventiva, realizada a partir de oficinas com as equipes. Os resultados obtidos mostram que, apesar do conhecimento teórico, constatou-se a invisibilidade de articular a violência de gênero e saúde mental, tendo como consequência, dificuldades de articulação com a rede de apoio e percepções que culpabilizam as mulheres. Como conclusão, constata-se a importância de ampliar as discussões sobre a violência psicológica, por meio de pesquisas, ações interventivas/preventivas nos diferentes serviços da rede e políticas públicas de atendimento às mulheres.

INTRODUÇÃO

A violência psicológica contra a mulher é um dos tipos de violência doméstica que caracteriza-se por ameaças, constrangimento e outros meios que prejudicam a saúde psicológica. De acordo com dados do Anuário de Segurança Pública Brasileiro de 2025, foram registrados cerca de 51.866 casos, no ano de 2024. No entanto, ainda é invisibilizada por uma parte significativa da sociedade, até mesmo pelas mulheres que a vivenciam, já que o seu tipo de expressão não deixa lesões ou marcas visíveis como a violência física, o que dificulta o seu reconhecimento e enfrentamento.

Entre as repercussões psíquicas da violência psicológica estão: depressão, ansiedade, problemas de autoestima e ideação suicida (Medtler; Cúnico, 2022). Diante das características da violência psicológica e seus efeitos, os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) constitui uma das portas de entrada para as mulheres em situação de violência. O presente trabalho objetiva compreender os saberes e fazeres sobre a violência psicológica dos profissionais que trabalham em serviços especializados em saúde mental de uma cidade no interior do Paraná, sendo eles: o CAPS AD, CAPS II e CAPS III.

MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia consiste em um estudo exploratório qualitativo, por meio de uma pesquisa participante interventiva. Os procedimentos metodológicos ocorreram em 3 etapas. 1) reunião com as diretoras dos CAPS com o objetivo de apresentar a pesquisa e alinhar a metodologia, 2) uma visita técnica em cada um dos serviços, 3) oficina sobre violência psicológica com as equipes multiprofissionais de cada CAPS. Assim, as coletas de dados se deram a partir das visitas e das oficinas, as quais foram registradas em diários de campo.

As oficinas ocorreram em encontros únicos em cada um dos serviços: CAPS AD, CAPS II e CAPS III, nas quais todos os profissionais das equipes multiprofissionais participaram (médicos, psicólogos, psiquiatras, enfermeiros, assistentes sociais, terapeutas ocupacionais, técnicos em enfermagem, educadores sociais e auxiliares administrativos), no horário da reunião de equipe.

Os encontros foram estruturados em três momentos: A) Dinâmica em grupo para a escrita de palavras-chave relacionadas a violência psicológica, seguida de discussões sobre os saberes dos profissionais; B) Apresentação do conceito de violência psicológica previsto no Código Penal e discussão com os grupos sobre os saberes (palavras-chave) e a definição legal e C) Levantamento e reflexões acerca da incidência de casos de violência psicológica nos serviços e atuação frente a essa demanda, a partir da qual foi elaborado coletivamente um “protocolo de atendimento para mulheres em situação de violência psicológica”.

Por fim, o estudo tem aprovação pelo Comitê de Ética e Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Estadual de Maringá (COPEP/UEM), sob número CAAE 68739223.6.0000.0104.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados obtidos foram analisados e sistematizados em quatro categorias de análise. Na primeira categoria, intitulada “Compreensão do conceito de violência psicológica: visibilidade versus invisibilidade”, buscou-se compreender o entendimento das equipes sobre violência psicológica. Em relação a conceitualização, todas as equipes demonstraram possuir um conhecimento teórico acerca do tema. Houve a prevalência do termo “invisibilidade”, empregado no sentido de demonstrar que essa violência é mais difícil de se identificar, pois não deixa marcas visíveis na mulher. Embora a violência psicológica afete a saúde mental das mulheres e produza sintomas, constata-se que não há visibilidade para a relação entre o sofrimento psíquico e a violência psicológica, consequência da invisibilidade da transversalidade do gênero no campo da Saúde.

A segunda categoria, denominada “O público que acessa os CAPS e o modo como a violência contra a mulher circula nesses espaços”, aborda a presentificação da violência psicológica nos serviços. Todos os CAPS sinalizaram que atendem mulheres em situação de violência psicológica. Identificou-se determinados estereótipos de gênero, que responsabilizam e culpabilizam as mulheres, tal como

ilustra a fala: [as mulheres fazem] “falsas acusações ou mentem para ferrar os parceiros atendidos aqui” (*sic*). Segundo Campos e Zanella (2016), ao não compreender a queixa ou os sintomas em sua relação com a estrutura socioeconômica, as relações de gênero e o histórico da violência, inviabiliza e fragmenta intervenções, reproduzindo a dominação de gênero.

Na terceira categoria, “Experiências e percepções da rede de enfrentamento”, identificou-se falta de confiança na eficiência da rede especializada e preocupação com a violência institucional enfrentada pelas mulheres na rota crítica. A violência institucional aparece por meio de revitimizações na rede no atendimento não humanizado, descridibilização do discurso da mulher e estigmatização das usuárias com transtornos mentais. Estas condutas, de acordo com Menezes e Yamura (2024), contribuem para a revitimização e sofrimento das mulheres, em que elas revivem suas angústias por meio de práticas e falas de profissionais que reafirmam a violência vivida. Diante das dificuldades de atuação intersetorial, os encaminhamentos muitas vezes operam como transferência de responsabilidade, ao afirmar ter “tentado de tudo” (*sic*) ou que o CAPS não é especializado para atender demandas relacionadas a violência.

A última categoria, intitulada “Intervenções e práticas profissionais para o enfrentamento a violência”, analisou os fazeres das equipes ao atuar em casos de violência psicológica. Entre as principais práticas constatou-se o preenchimento da Ficha de Investigação do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) e o acolhimento. Um dos CAPS demonstrou iniciativas de integrar os outros serviços da rede, como as casas-abrigos, Delegacia da Mulher e o Projeto Terapêutico Singular (PTS) de acordo com as necessidades de cada usuária. Assim, verifica-se dificuldades na atuação integrada com outros serviços no atendimento das mulheres, consequência da falta de capacitação das equipes. Nesse sentido, destaca-se a importância de trabalhar na formação de equipes capacitadas para fornecer respostas institucionais para essa demanda de atendimento (Barbosa, Dimenstein e Leite, 2014). Quanto às condutas e práticas necessárias para atuação com mulheres em situação de violência psicológica, foi apontado: acolhimento, validação do sofrimento da mulher, fortalecimento de vínculo com a usuária, orientações, atendimento psicológico, notificação e integração com serviços da rede de enfrentamento.

CONCLUSÕES

Com a presente pesquisa, objetivou-se compreender os saberes e fazeres sobre a violência psicológica dos profissionais que trabalham em serviços especializados em saúde mental de uma cidade no interior do Paraná. Os resultados demonstram que apesar dos profissionais possuírem conhecimento teórico sobre esta violência, percebe-se uma invisibilidade na articulação entre a violência de gênero e o sofrimento psíquico das mulheres. Esta invisibilidade repercute em percepções que culpabilizam as mulheres, falta de integração com outros serviços da rede de atendimento e desresponsabilização dos próprios CAPS quanto ao atendimento e encaminhamento. Neste sentido, pode-se apontar a necessidade de

capacitações para atendimentos de mulheres em situação de violência psicológica, fundamentadas em uma perspectiva de gênero, para que assim, as equipes possam adotar um atendimento qualificado, integral e intersetorial, que vise integrar toda a rede de serviços especializados e não especializados para o cuidado e fortalecimento das usuárias.

A pesquisa-intervenção possibilitou não apenas o levantamento de dados, mas promoveu reflexões com a equipe sobre a complexidade da violência psicológica e seus impactos na saúde mental das mulheres. A partir das reflexões e conteúdos abordados nas oficinas, a construção do protocolo de atendimento pelas equipes inaugura caminhos para o enfrentamento da violência no serviço. Assim, as intervenções, mesmo que pontuais, foram importantes para introduzir esta temática nos CAPS. Com isso, constata-se a importância de ampliar as discussões sobre a violência psicológica, por meio de pesquisas, ações interventivas/preventivas nos diferentes serviços da rede e políticas públicas de atendimento às mulheres.

REFERÊNCIAS

- CAMPOS, I. O.; ZANELLO, V.. Saúde mental e gênero: o sofrimento psíquico e a invisibilidade das violências mental. **Vivência: Revista de Antropologia**, v. 1, n. 48, p. 105–117, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/vivencia/article/view/11505>. Acesso em: 27 ago. 2025.
- COSTA, M. G. S. G; DIMENSTEIN, M. D. B.; LEITE, J. F.. Condições de vida, gênero e saúde mental entre trabalhadoras rurais assentadas. *Estudos de Psicologia (Natal)*, v. 19, n. 2, p. 145–154, abr. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/qKQ4yVyYYX9kqf7f3LDqWKD/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 28 ago. 2025.
- MEDTLER, J.; CÚNICO, S. D.. Violência contra mulher: onde começa e quando termina? **Pensando Famílias**, v. 26, ed. 1, 2022. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v26n1/v26n1a15.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2024
- MENEZES, L. C. O.; YAMAMURA, N. M.. A revitimização de mulheres vítimas de violência no âmbito doméstico e familiar. **Cuadernos de Educación y Desarrollo**, v.16, n.13, p.1-17, 2024. Disponível em: <https://ojs.cuadernoseducacion.com/ojs/index.php/ced/article/view/6768/4787>. Acesso em: 27 ago. 2025.